

Em números anteriores desta Revista falamos sobre a Covid 19 e as dificuldades trazidas para as pessoas, aqui e alhures. Hoje fala-se menos na doença em si, mas muito nas sequelas, que não são poucas, dos sobreviventes com quadros graves, ou nem tão graves assim.

Não chegamos a encerrar o assunto, porque a afecção permanece, ainda que com outras características e já estamos frente a nova moléstia transmissível a se espalhar pelo nosso território (*monkeypox* ou varíola dos macacos). Não há surpresas. Ainda no pico do acometimento da Covid 19 os infectologistas alertavam para a possibilidade do aparecimento de novas doenças transmitidas por animais ao ser humano.

Triste foi termos vivido a pandemia pelo coronavírus. No entanto, permitiu um aprendizado extenso sobre como lidar com esse tipo de problema em humanos. Hoje, como desde há dois anos ou mais, critica-se muito o conjunto de medidas tomadas, ou não tomadas, pelas autoridades para minimizar os males que então vinham sendo causados, inclusive o absurdo número de óbitos.

Por certo a falta de atitudes no momento adequado foi muito prejudicial. Mas, o que se espera é que as lições auferidas a partir daquele mal transformem-se em ações a tempo e modo para que a nova virose, e outras que poderão chegar causem um efeito mínimo sobre a saúde da nossa tão sofrida população.

Umberto Gazi Lippi